



PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM CADEIAS DE RESPOSTA A DESASTRES NATURAIS

José Eduardo de Oliveira NETO¹; Robson Nogueira TOMAS²

RESUMO

Em cadeias de suprimentos que atuam nas operações de resposta a desastres naturais, a eficiência dos fluxos de produtos, serviços e informações impactará diretamente a qualidade de ações que compõem o sucesso da missão de ajuda. Logo, a ausência de eficiência nos fluxos de produtos, serviços e informações – e conseqüentemente, um desempenho negativo dos membros que compõem tais cadeias – pode significar a perda inestimável de vidas humanas, além de comprometer recursos importantes para a sociedade. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa foi realizar um estudo nos principais elos (a saber, com órgãos governamentais, militares, organizações humanitárias) de cadeias de suprimentos que atuam em ações de ajuda humanitária. Os resultados evidenciam que aspectos como planejamento, coordenação e execução de ações logísticas são ótimos, no entanto, o gargalo se dá pela reconstrução, pois esse ponto depende de atuação de governos locais.

Palavras-chave:

Cadeia de suprimentos; Ajuda humanitária; Eficiência dos fluxos.

1. INTRODUÇÃO

O gerenciamento de cadeias de suprimentos que atuam nas operações relacionadas a desastres naturais e ajuda humanitária é um tema recente no âmbito das pesquisas em Gestão de Operações sendo que seu referencial teórico está contido, em grande parte, nas discussões acerca da Logística Humanitária (KOVÁCS e SPENS, 2011). Sendo assim, as cadeias de suprimentos que atuam nas operações relacionadas a desastres naturais e ajuda humanitária são compostas por processos que visam – à semelhança de cadeias comerciais – o planejamento e a implementação de um fluxo eficiente de produtos e serviços, bem como de informações necessárias para o controle dos mesmos (SCHOLTEN e SCOTT, 2010).

Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa foi realizar um estudo nos principais elos (a saber, com órgãos governamentais, militares, organizações humanitárias) de cadeias de suprimentos que atuam em ações de ajuda humanitária a fim de verificar as percepções e experiências - de profissionais que atuam em cadeias de resposta a desastres naturais - acerca da eficiência no planejamento, coordenação e execução de ações nas mesmas.

¹Bacharelado em Administração, IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas. E-mail: jose7.neto@alunos.ifsuldeminas.edu.br

²Professor do Curso Superior em Administração, IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas. E-mail: robson.tomas@ifsuldeminas.edu.br.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ciclo de vida da missão de ajuda (RMLC - *Relief Mission Life Cycle* - em inglês) é formado por ações emergenciais que visam o salvamento, o auxílio e a reabilitação, que corresponde ao início das atividades de restauração da área impactada. Segundo McLanchlin e Larson (2011), as operações de socorro e de resposta a eventos de crise são frequentemente criticadas pela falta de colaboração entre os membros das cadeias de suprimentos envolvidas, e também, pela falta de capacidade de diversos membros.

Conforme mostram Balcik e Beamon (2008), que em se tratando de cadeias de suprimentos que atuam nas operações de resposta a desastres naturais, a eficiência dos fluxos de produtos, serviços e informações impactará diretamente a qualidade de ações que compõem o ciclo de vida da missão de ajuda. Logo, a ausência de eficiência nos fluxos de produtos, serviços e informações – e consequentemente, um desempenho negativo dos membros que compõem tais cadeias – pode significar a perda inestimável de vidas humanas, além de comprometer recursos importantes para a sociedade.

Desastres naturais, de acordo com Marcelino (2007), são conceituados como o resultado de eventos adversos que causam grandes impactos para a sociedade. Diferentemente dos desastres humanos, “os desastres naturais são causados pelo impacto de um fenômeno natural de grande intensidade sobre uma área ou região povoada, podendo ou não ser agravado por outras atividades” (MARCELINO, 2007 p. 5). De acordo com dados publicados no Atlas Brasileiro de Desastres Naturais 1991 a 2010 (CEPED/UFSC, 2012), a ocorrência de desastres naturais no Brasil aumentou 268% na primeira década dos anos 2000, em comparação com a década anterior. Sendo que, entre os principais desastres com aumento de incidência estão os que mais geram vítimas fatais, como as inundações e os movimentos de massa.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para esse estudo utilizou-se a abordagem mista, combinando métodos qualitativo e quantitativo para explorar as percepções e experiências de profissionais que atuam em atendimentos de desastres naturais. Os participantes selecionados são profissionais que atuam diretamente nos atendimentos de desastres naturais. No questionário aberto, um total de 6 profissionais participaram, com cargos e experiências diversas, selecionados por meio de uma amostragem intencional para garantir que todos tivessem experiência relevante no tema. Os cargos estão divididos entre soldados, cabos, tenentes, sargentos e um especialista em Geodinâmica e Geologia de Desastres. Para o questionário de respostas fechadas, participaram 18 pessoas de diversas áreas de atuação, totalizando o total de 24 entrevistados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, destaca-se que nas em cadeias de suprimentos que atuam em ações de ajuda humanitária a partir de desastres naturais, participantes do presente estudo, o perfil de falhas é quase inexistente. Neste caso, os resultados alcançados demonstram que os riscos predominantes nas mesmas, não afetam as atividades essenciais desenvolvidas na ponta da cadeia, ou seja, não impedem nem impossibilitam (no todo ou em parte) o cumprimento com êxito de: i) socorro e assistência às vítimas; ii) retirada de pessoas de áreas afetadas, e; iii) abrigo, alimentação, proteção, e atendimento médico/psicológico. Este achado está condizente com o que é indicado por alguns pesquisadores (por exemplo, KUMAR et al., 2009).

Além disso, constatou-se que não há falta de coordenação e de colaboração entre os membros de cadeias de suprimentos que atuam em ações de ajuda humanitária a partir de desastres naturais ocorridos no estado de Minas Gerais. De maneira geral, entende-se que a coordenação para uma cadeia de suprimentos pode ser conceituada como o processo de transmissão de estímulos, informações e controles ao longo de uma cadeia produtiva e tem por objetivo facilitar os fluxos físicos, financeiros e de informação dentro da cadeia (MÉNARD, 1995).

No entanto, constatou-se que o gargalo se dá pela reconstrução, pois esse ponto depende de atuação de governos locais. A este respeito é notório que uma vez que as cadeias de suprimentos são inerentemente vulneráveis aos riscos, a falha de um dos elos pode fazer a cadeia inteira falhar (RICE e CAINATO, 2003).

5. CONCLUSÃO

No presente estudo buscou-se evidenciar os principais riscos que estão presentes nos processos de gestão do fornecimento e atendimento da demanda de cadeias de suprimentos que atuam em ações de ajuda humanitária a partir de desastres naturais ocorridos no estado de Minas Gerais. Sob esta perspectiva constatou-se que não há falta de coordenação e colaboração entre os elos que compõem a mesma. Nessa direção, no que diz respeito às cadeias de suprimentos que atuam nas operações relacionadas a desastres naturais em outros países, estudos importantes tem destacado a dificuldade de coordenação e a falta de colaboração entre seus membros (SEYBOLT, 2009; TOMASINI e VAN WASSENHOVE, 2009).

REFERÊNCIAS

BALCIK, B.; BEAMON, B.M. Facility location in humanitarian relief. **International Journal of Logistics: Research and Applications**, v. 11, n. 2, p. 101-121, 2008.

CEPED/UFSC. **ATLAS BRASILEIRO DE DESASTRES NATURAIS - 1991 a 2010.**

Florianopolis, 2012.

KOVÁCS, G.; SPENS, K. M. Trends and developments in humanitarian logistics. **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**, v. 41, n. 1, p. 32-45, 2011.

KUMAR, S., NIEDAN-OLSEN, K.; PETERSON, L. Educating the supply chain logistics for humanitarian efforts in Africa: a case study. **International Journal of Productivity and Performance Management**, v. 58, n. 5, p. 480-500, 2009.

MARCELINO, E. V. **Desastres naturais e geotecnologias**. INPE. Santa Maria, 2007.

MÉNARD, C. Market as institutions versus organizations as markets? Disentangling some fundamental concepts. **Journal of Economic Behavior and Organization**, v. 28, p 161 – 182, 1995.

MCLACHLIN, R.; LARSON, P.D. Building humanitarian supply chain relationships. **Journal of Humanitarian Logistics and Supply Chain Management**, v. 1, n. 1, p. 32-49, 2011.

RICE, B.; CAINATO, F. Building a secure and resilient supply network. **Supply Chain Management Review**, v. 7, n. 5, p. 22-30, 2003.

SCHOLTEN, K.; SCOTT, P.S. Le agility in humanitarian (NGO) supply chains. **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**, v. 40, n. 8/9, p. 623-635, 2010.

SEYBOLT, T.B. Harmonizing the humanitarian aid network: adaptive change in a complex system, **International Studies Quarterly**, Vol. 53 No. 4, pp. 1027-50, 2009.

TOMASINI, R.M.; VAN WASSENHOVE, L.N. From preparedness to partnerships: case study research on humanitarian logistics. **International Transactions in Operational Research**, v. 16, n. 5, p. 549-59, 2009.